

DA COMPLEXIDADE DA INFÂNCIA AOS DIREITOS DAS CRIANÇAS: PESQUISAS COM CRIANÇAS E A PRODUÇÃO DAS CULTURAS INFANTIS

FROM THE COMPLEXITY OF CHILDHOOD
TO THE RIGHTS OF CHILDREN: RESEARCH
WITH CHILDREN AND THE PRODUCTION
OF CHILDREN'S CULTURES

Altino José Martins Filho 1
Ana Cristina Coll Delgado 2

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. Professor na Universidade do Estado de Santa Catarina/UEDESC na Faculdade de Educação/FAED. Professor na Secretaria Municipal de Florianópolis. E-mail: altinojosemartins@gmail.com | 1

Doutora em Educação. Professora Associada da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPEL. E-mail: anacoll@uol.com.br | 2

Resumo: O presente artigo discute questões sobre pesquisas com crianças, abrangendo as potencialidades das crianças e suas vozes, reunindo conceitualizações concernentes às culturas da infância, incluindo reflexões sobre os direitos e a participação ativa das crianças. O referencial teórico abrange autores dos Estudos da Infância/Criança e a metodologia parte de uma revisão teórica de estudos e pesquisas já realizados com retomada de desafios epistemológicos e metodológicos. São discutidas e propostas algumas teias de relações sociais entre adultos e crianças, que assegurem a produção das culturas infantis, priorizando a força criadora e resistência das crianças, com a pretensão de focalizar e perceber seus pontos de vista e conhecer o que elas têm a nos contar e ensinar. Nossa contribuição consiste em identificar um intenso movimento de ruptura e reconstrução de conceitos sobre o lugar das crianças nas investigações e na sociedade.

Palavras Chave: Infância; Pesquisa com crianças; Culturas Infantis, Direitos; Participação.

Abstract: This article discusses questions about research with children, covering the potential of children and their voices, bringing together conceptualizations concerning childhood cultures, including reflections on the rights and active participation of children. The theoretical reference covers authors of Childhood/Child Studies and the methodology starts from a theoretical review of studies and research already undertaken with the resumption of epistemological and methodological challenges. Some webs of social relations between adults and children are discussed and proposed, which ensure the production of children's cultures, giving priority to the creative force and resistance of children, with the pretension of focus and perceive their points of view and know what they have to tell and teach us. Our contribution is to identify an intense movement of rupture and reconstruction of concepts about the place of children in research and in society.

Keywords: Childhood; Research with children; Childhood Cultures, Rights; Participation.

Introdução

Criança pede respeito.
(MARTINS FILHO, 2015)

O interesse em desenvolver pesquisas *com* crianças tem crescido substancialmente. Em todo o desenrolar do século XX e XXI foi possível promover concepções sobre o que é a infância, ou ainda, mais precisamente, quem são as crianças? O que implicou no desenvolvimento de investigação *com* as crianças e não somente *sobre* as crianças, o que tradicionalmente sempre foi recorrente nas pesquisas. Esta é uma genuína alteração da realidade da *práxis* epistemológica e metodológica na afirmação da complexidade das infâncias e dos direitos das crianças.

Os diferentes papéis de participação das crianças reverberam na complexidade da própria infância, seja nas pesquisas ou no cotidiano pedagógico dos contextos de educação coletiva, destacando-se o papel das crianças nos processos de desenvolvimento e confronto em relação aos procedimentos teóricos, metodológicos e curriculares, de modo a garantir os direitos das crianças. Isto nos possibilita uma nova propensão à revisão do conceito de infância e criança, historicamente associados a pequenez, fragilidade, passividade, vulnerabilidade e inocência. Compreendemos a infância como construção social, sempre negociada entre crianças e adultos, pois em cada contexto histórico, político, cultural e social as infâncias são reinventadas e modificadas conforme as gerações que a experienciam.

Mergulhar na descoberta dos mundos sociais das crianças (SARMENTO & PINTO, 1997) para uma reconceitualização da sua imagem (MARTINS FILHO, 2011; 2015; DELGADO, 2005; 2011) tem sido uma forte atitude epistemológica na concretização dos direitos das crianças.

Em nossos diferentes estudos (DELGADO, 2010; 2013; 2017; MARTINS FILHO, 2005; 2006; 2010) passamos a nos interessar em compreender e dar destaque para as “vozes infantis” nas pesquisas com crianças, com intuito de conhecer o que as crianças têm a nos contar e ensinar, conhecer a produção livre das suas culturas, considerando seus pontos de vista como sujeitos potentes e que viabilizam seus direitos de participação nas investigações. Porém, isto exige um trabalho dos adultos no processo de investigação e como ressalta Mozère (2007, p. 167), nosso desafio é “definir com precisão qual é o ponto de vista que nós adultos adotamos para entender o ponto de vista das crianças”.

Leal (2004, p. 23) analisa a infância na poesia de Manoel de Barros como uma metáfora do novo, o que viabiliza outros pensares e fazeres na educação infantil. Abrem-se perspectivas para a criação de um pensamento menos “proprietário e sabedor, para aproximarmos-nos dos nossos vestígios de crianças, resíduos insistentes, sinais pueris daquilo que não conseguimos deixar de ser”. Sentir-se menos proprietário e sabedor parece condição para abrir-se aos pontos de vista e forças do desejo dos bebês e crianças pequenas. Estes dois conceitos são problematizados pela socióloga e feminista francesa Liane Mozère (2007, 2008), com larga experiência em pesquisas com crianças de zero a três anos e profissionais de creche e pré-escola.

Isto não significa proteger artificialmente as crianças do mundo exterior, ou de criar para elas um universo abrigado da realidade social. Mas é possível ajudá-las a enfrentar a sociedade e seus instrumentos de modelagem dos desejos. Mozère (2007, p. 171) propõe uma micropolítica engajada nas forças do desejo das crianças pequenas, um trabalho que também pressupõe o engajamento dos adultos e que pressupõe correr riscos frente aos seus próprios desejos.

Acompanhar e observar com atenção as crianças em suas manifestações, abrindo-se aos seus pontos de vista e suas forças de desejo no intuito de captar os variados jeitos de ser e seus estilos de vida, pela pesquisa empírica ou propostas curriculares, implica se deixar surpreender, se desestabilizar, correr riscos e questionar nossas atitudes frente às crianças, no sentido de possibilitar que elas possam expressar seus modos singulares de participação. Neste movimento, torna-se relevante considerar as crianças como atores sociais pertencentes a grupos sociais específicos (de gênero, de classe social, de raça, de idade, entre outros grupos de pertencimento) e desenvolver pesquisas focadas nas relações intra e intergeracionais (SARMENTO, 2005).

Portanto, considerar as crianças como atores sociais, permitir que sua voz se faça ouvir, torna-se condição fundamental para conhecermos e compreendermos como se constituem e se

organizam estas apreensões, construções e significações nas relações entre pares. Seguimos a concepção em que:

[...] a infância não é a idade da não-fala: todas as crianças, desde bebês, têm múltiplas linguagens (gestuais, corporais, plásticas e verbais) por que se expressam. [...] A infância é, simultaneamente, uma categoria social, do tipo geracional, e um grupo social de sujeitos ativos, que interpretam e agem no mundo. Nessa ação estruturam e estabelecem padrões culturais. As culturas infantis constituem, com efeito, o mais importante aspecto na diferenciação da infância. (SARMENTO, 2002, p.11).

Nesse caso, apontamos que carecemos de despirmo-nos do estatuto de adulto – no sentido de vestirmos outras roupas - para se conhecer as crianças, suas vidas, seus universos, suas histórias e suas culturas infantis. Não se trata de um retorno à infância, da criança que nós fomos. “Será a infância, mas não deve ser a minha infância”, uma frase da escritora Virgínia Woolf lembrada por Mozère (2007, p. 5). A infância torna-se “coextensiva à vida inteira e é preciso considerá-la como um modo particular que se situa para além de toda memória, dos saudosismos, que muitas vezes redundam em afirmações de que as crianças de hoje são privadas de infância” (DELGADO, p. 2013). Sarmento & Pinto (1997) afirmam que:

O estudo das crianças a partir de si mesmas permite descortinar uma outra realidade social, que é aquela que emerge das interpretações infantis dos respectivos mundos de vida. O olhar das crianças permite revelar fenômenos sociais que o olhar dos adultos deixa na penumbra ou obscurece totalmente. Assim, interpretar as representações sociais das crianças pode ser não apenas um meio de acesso à infância como categoria social, mas às próprias estruturas e dinâmicas sociais que são desocultadas no discurso das crianças (SARMENTO & PINTO, 1997, p. 25).

Temos que enfrentar o desafio que assombra muitos pesquisadores no que diz respeito as escolhas teóricas e metodológicas que se direcionam às crianças. Estas nos parecem ser as novas roupas que precisamos vestir, quando o assunto é pesquisar tomando a perspectiva das crianças como categoria central de análise. Teoricamente, podemos dizer, que é necessário ficar entre as crianças, pois essa atitude, poderá gerar um maior envolvimento dos pesquisadores e pesquisadoras, porque o contato direto permite construir uma atmosfera mais positiva, lúcida e humana nas pesquisas com as crianças.

Produções das culturas infantis

Temos apontado a necessidade de lançarmos um olhar sensível, atencioso e estudioso para o sistema de comunicação, produção e interpretação das culturas infantis, as relações sociais e a ordem instituinte das crianças quando estão entre pares. Sarmento & Pinto (1997) sugerem a necessidade de novas análises das posições das crianças e sobre o status da infância na sociedade e, afirmam, que o fato de dar voz as crianças, equivale representá-las em igualdade de condições com outros grupos sociais e considerá-las como unidade de observação.

Os Estudos da Infância/Criança compreendem as crianças como produtoras de culturas e tal produção indica sua potência, pois elas também contribuem para a produção das sociedades adultas (CORSAIRO, 2010, 2011; SARMENTO, 2004, 2008; BROUGÈRE, 2010, entre outros). Principalmente pelo estudo das culturas da infância, surgem metodologias de investigação como a etnografia, que tem contribuído para conhecermos as complexidades dos mundos das crianças. Nos dizeres de Sarmento (2008) tais estudos consideram que:

[...] as crianças integram uma categoria social, a infância, mas constroem processos de subjetivação no quadro da construção simbólica dos seus mundos de vida, estabelecendo com os

adultos interações que as levam a reproduzir as culturas societais e a recriá-las nas interações de pares (SARMENTO, 2008, p. 31).

Todavia, nós podemos sempre interrogar sobre o que são as culturas da infância. Sem a pretensão de esgotar as respostas, cabe afirmar, que são meninas e meninos que estão vivendo no presente a experiência da infância, experiência que têm singularidades e que diferencia as crianças dos adultos. Em segundo lugar, esta experiência de viver a infância está conectada com uma diversidade de espaços, tempos, culturas e, nem todos, vivem a infância da mesma forma.

Andy Arleo e Julie Delalande (2010) fazem uma distinção do conceito de culturas da infância no plural (as marcas das diferenças, principalmente pelos pertencimentos de classe, gênero, raça/etnia e subgerações/idades) e no singular (as características universais, que encontramos em crianças de diferentes partes do mundo). No plural, temos os saberes e práticas culturais próprios das crianças marcados pelas diferenças de classe, raça/etnia, gênero, idade, que são produzidos por elas, como também para elas. No singular, o termo designa práticas como o brincar e suas regras e técnicas, as práticas languageiras, as normas e regras sociais que são universais (ARLEO; DELALANDE, 2010).

As culturas da infância podem ser definidas como um conjunto de saberes que caracterizam um grupo de crianças, participando na fundação de sua identidade e no seu reconhecimento entre os grupos de pares (ARLEO & DELALANDE, 2010). Sarmento (2004) as compreende como modos sistematizados de significação do mundo e de ação intencional realizados pelas crianças, que são distintos dos modos adultos de significação e de ação no mundo. O autor afirma que:

(...) as culturas da infância possuem, antes de mais nada, dimensões relacionais, constituem-se nas interações de pares e das crianças com os adultos. Estruturam-se nessas relações, formas e conteúdos representacionais distintos, elas exprimem a cultura societal em que se inserem, mas o fazem de modo distinto das culturas adultas, ao mesmo tempo que veiculam formas específicas de inteligibilidade, representação e simbolização do mundo (SARMENTO, 2004, p. 20).

As pesquisas de William Corsaro (2011), ainda que centradas sobre crianças da escola maternal colocaram a cultura infantil no centro das suas análises, especialmente pela via do conceito de reprodução interpretativa, que ao questionar a ideia de socialização, evidenciou a parte ativa que a criança ocupa na sua aprendizagem e na sua inserção no seio da sociedade.

Segundo Sarmento (2004), as crianças, assim como têm suas culturas, também passam pelo crivo cultural dos adultos com a inculcação de normas, valores e comportamentos presentes na sociedade. Algumas são manifestações da cultura hegemônica presentes nos desenhos e filmes infantis, nos estilos musicais veiculados pela mídia, nos brinquedos e imagens de infância que eles veiculam, sendo que a colonização do imaginário infantil pelo mercado é um dado da sociedade contemporânea que, para Sarmento, não podemos ignorar.

Cabe ainda destacar que, para Sarmento (2004) é no vaivém entre as culturas geradas, conduzidas e dirigidas pelos adultos para as crianças e entre as culturas construídas nas interações entre as crianças que se constituem os mundos culturais da infância. O produzir e compartilhar significados, acontece em meio a conflitos de interesses entre adultos e crianças, que estão sempre em busca de hegemonia para seus significados.

Para Ferreira (2002), a assunção de critérios e valores próprios de pensar, sentir, dizer, saber e fazer, aprendidos e reproduzidos interpretativamente num quadro de relações sociais em contextos educativos, estável e durável, torna-os patrimônio cultural inerente ao grupo de crianças. A autora, assinala que esses pensares, saberes, sentires, dizeres e fazeres são, pela sua gênese, conhecimento e partilha, atividades cotidianas coletivas que estruturam as culturas infantis.

Tomamos, ainda, como referência a importante obra "Constructing and Reconstructing Childhood: Contemporary Issues in the Sociological Study of Childhood" (1997), a qual foi editada pela antropóloga Allison James e pelo sociólogo Alan Prout, sendo considerado um livro clássico para o campo da Sociologia da Infância, principalmente pela proposta de um novo paradigma

para orientar os estudos das crianças e da infância – o qual problematiza o conceito tradicional de socialização que coloca as crianças como passivas e devires, para conceituar as crianças como atores sociais e a infância como categoria socialmente construída – o que sem dúvida representa uma contribuição fundamental para mudar a lente utilizada para estudá-las e pesquisá-las nas sociedades ocidentais. Os autores James e Prout (1997) reúnem diferentes princípios que consideramos cruciais na compreensão da infância como categoria social, geracional e cultural:

A infância é uma construção social.

A infância é variável e não pode ser inteiramente separada de outras variáveis como a classe social, o sexo ou o pertencimento étnico.

As relações sociais das crianças e suas culturas devem ser estudadas em si.

As crianças são e devem ser estudadas como atores na construção de sua vida social e da vida daqueles que as rodeiam.

Os métodos etnográficos são particularmente úteis para o estudo da infância.

A infância é um fenômeno no qual se encontra a dupla hermenêutica das ciências sociais evidenciada por Giddens, ou seja, proclamar um novo paradigma no estudo sociológico da infância é se engajar num processo de reconstrução da criança e da sociedade (JAMES & PROUT, 1997, p. 8-9).

No seio da cultura infantil se pode considerar que existe uma cultura lúdica, “um conjunto de estruturas, de esquemas, formatos, temas que permitem as crianças brincarem juntas e constituírem entre elas, comunidades de prática lúdica” (BROUGÈRE, 2010, p. 33). Por conseguinte, as crianças pertencem a diversas comunidades de prática lúdica, algumas podem passar de uma a outra, transmitindo elementos de um repertório a um grupo que não o conhece. Daí vem a importância da participação, pois para ser aceito em um grupo não há carta de membro, pertencer a um grupo é participar, fazer com, brincar com, uma negociação permanente de significados. Assim, para Brougère (2010), “as comunidades lúdicas não começam do zero, elas aproveitam os traços de outras comunidades de prática, traços reificados através de tradições orais que são repetidos e transformados” (BROUGÈRE, 2010, p. 35).

Bebês e crianças pequenas produzem culturas?

Mesmo nos Estudos da Infância/Criança, são recentes as investigações com bebês e crianças bem pequenas¹. Os Estudos da Criança reconhecem que a psicologia do desenvolvimento acumulou pesquisas sobre bebês (desde os bebês de colo, pois comumente são considerados bebês os seres humanos de até dois anos), as quais se dedicaram, principalmente, aos bebês e crianças pequenas europeus, americanos, brancos, de classe média, cujos resultados têm sido universalizados e naturalizados (GOTTLIEB, 2013).

Para Mozère (2008), bebês e crianças pequenas têm sido identificados com base na fragilidade, na incerteza e dependência. Desde sua vinda ao mundo, os bebês são pensados em relação ao que lhes falta, e são os adultos que vão progressivamente combater e compensar tais privações.

A criança, desde bebê, está imersa em cultura, produz visões do mundo e partilha representações da realidade com outras crianças e adultos. Reivindicar esses aspectos para a compreensão das culturas infantis é lembrar que as crianças sempre foram responsáveis pela integração cultural das demais crianças em grande parte da história humana (GOTTLIEB, 2009, 2013). A construção do sentimento de pertencimento, de ser aceito ou excluído num grupo, indica que bebês e crianças pequenas são competentes para estabelecer trocas e aprendizagens sociais e afetivas, não somente com os adultos, mas também com seus coetâneos.

¹ Nomenclatura adotada pelo Documento: Práticas Cotidianas na Educação Infantil- Bases para a Reflexão sobre as Orientações Curriculares (MEC/BRASIL, 2009) voltado para a educação de crianças de 0 a 6 anos e que compreende bebês como crianças de 0 a 18 meses e crianças bem pequenas como crianças entre 19 meses e 3 anos e 11 meses.

Importante considerar que os bebês e crianças bem pequenas de diversos contextos convivem com outras culturas quando assistem programas e desenhos infantis, escutam e cantam músicas, ou manuseiam brinquedos e livros. Enfim, eles utilizam formas especificamente infantis de representação e simbolização do mundo, mas isto não é feito sem conexão com os adultos e com as outras formas culturais presentes no mundo, como a cultura escolar e o mercado de produtos culturais destinados à infância.

Neste sentido, nossos estudos e pesquisas², por mais de duas décadas, sempre tiveram como foco temático as práticas educativas e pedagógicas com bebês e crianças pequenas no cotidiano de creche, pré-escolas e escolas infantis, evidenciando as experiências como forma de nos constituirmos como seres do e no mundo³.

Almejamos contribuir com outras compreensões sobre os seres humanos de pouca idade, pois os bebês e crianças pequenas aprendem entre si, como também podem ensinar as gerações mais velhas (GOTTLIEB, 2009, 2013; BROUGÈRE, ULMANN, 2012). Como refere Brougère & Ulmann (2012), o conceito de aprendizagem ainda é pouco utilizado para evocar o que as crianças ensinam umas às outras, assim como estamos longe de aceitar a ideia de que uma criança possa ensinar alguma coisa a um adulto.

Acolher e interpretar a complexidade das infâncias é como propiciar a gestão da brincadeira e da experiência no contexto de vida coletiva para e com bebês e crianças pequenas; é como pensar em um ambiente educativo em que nada seja feito para as crianças sem a presença delas; é como sustentar a participação infantil em um contexto no qual as crianças exerçam efetivamente seus direitos de participação ativa; é como projetar um currículo em uma perspectiva cada vez menos centralizada e determinista; é como tomar as crianças como sujeitos permanentes e privilegiados do processo educativo. Um amalgamado de produções que destacam as crianças como protagonistas em um tempo histórico que sonha com outras relações, práticas pedagógicas, estéticas, éticas e políticas de resistência. Um tempo que afirma os direitos das crianças de viver as infâncias!

Uma formação cultural e aberta para outras estéticas e olhares sobre o mundo, provavelmente potencialize interações com bebês e crianças pequenas, focadas na escuta, observação e percepção dos seus desejos de movimento, do brincar, de experimentar, tocar, cheirar e viver novas experiências com o corpo todo.

Pesquisas com crianças: um caleidoscópio de imagens, textos e procedimentos metodológicos

Estamos engajados na composição de um caleidoscópio de imagens, textos e procedimentos metodológicos com múltiplas possibilidades de visualizarmos as crianças e as especificidades da produção das culturas infantis, por meio de pesquisas empíricas com métodos não convencionais de se aproximar e se colocar em posição de escuta e de olhar para as crianças. Nessa busca, nosso desafio, caminha em articular infâncias, crianças, educação e pesquisa, construindo um percurso de estudos e aprofundamentos que pretende ir ao encontro dos mistérios das culturas infantis, que para nós, retrata e dá contornos para a complexidade da infância⁴.

Tal interesse, produziu muitas faíscas, que têm nos revelado um quadro inquietante nas pesquisas com crianças e na afirmação dos seus direitos, pois, ainda, presenciamos o quanto elas ficam subsumidas nas investigações e na participação da vida em sociedade, principalmente quando compreendemos as crianças como sujeitos informantes ao querer colocar-se em uma posição de horizontalidade nas relações com elas. Também, temos refletido sobre os impasses teóricos e metodológicos de fazer pesquisas com crianças, pelo uso de instrumentos que permitam capturar as nuances e fluxos da vida em seu dinamismo e movimento cotidiano, não para reafirmar as incapacidades que a elas foram atribuídas, mas para destacar um conjunto de peculiaridades

2 Nossas pesquisas se inscrevem nos seguintes grupos de pesquisas NUPEIN/UFSC; GEIN/UFRRGS, CIC/UFPEL e GEDIN/ UDESC, atualmente nestes dois últimos grupos.

3 Ver o dossiê por nós organizado: DELGADO, Ana Cristina Coll & MARTINS FILHO, Altino José (orgs.). Dossiê "Bebês e crianças bem pequenas em contextos coletivos de educação". Pro-Posições, SP: Unicamp, v.24, n. 3 (72), p. 21-113, set/ dez 2013. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v24n3/02>.

4 Ver a coletânea: MARTINS FILHO, Altino José & PRADO, Patrícia Dias. (Orgs.) Das pesquisas com crianças à complexidade da infância. São Paulo: Autores Associados, 2011.

positivas que diferem as crianças dos adultos.

Em nossas pesquisas, (MARTINS FILHO, 2005; 2006; 2010; 2011; DELGADO, 2005; 2010, 2011, 2013, 2015, 2016, 2017) temos dialogado com a Sociologia da Infância e Estudos da Criança/Estudos da Infância.

Os Estudos da Infância e os Estudos da Criança são compreendidos como campos de intersecção entre disciplinas e questionamentos sobre as fases da infância, compreendendo uma ecologia de saberes, característica do próprio campo. A Sociologia da Infância é uma disciplina que compõe o campo Estudos da Infância/Crianças, que se encontra na gênese da configuração do campo. Nesse sentido, a dimensão interdisciplinar o perpassa.

Nosso foco de interesse tem considerado os processos de constituição do conhecimento das crianças como seres humanos concretos e reais em diferentes contextos, bem como suas culturas, suas capacidades intelectuais, criativas, estéticas, expressivas, emocionais, éticas, corporais e afetivas, constitutivas de suas infâncias. Isto em uma reconfiguração de temáticas possíveis a serem formuladas pelas investigações que se centram nas crianças, nomeadamente, no seu papel enquanto sujeitos produtores de culturas e não somente consumidores delas. Apostamos que as crianças entre si e com os adultos, não somente são socializadas, mas produzem processos inovadores e genuínas formas de socialização, por isso temos que conhecer a gramática das crianças em suas formas de interações sociais.

Buscamos nas pesquisas com as crianças suas marcas sociais e culturais, o que tem exigido um olhar apurado em relação ao significado que atribuem ao que fazem, sobretudo, nos momentos de brincadeiras (FERREIRA, 2002; 2004), pois as crianças se entregam integralmente quando brincam e passam a descobrir novas possibilidades de agir socialmente. Sendo assim, compreender e interpretar, nas pesquisas, o que as crianças expressam, significa prever a observação e a atenção, associada à reflexão, sobre seus próprios atos sociais. Não se trata de justapor as crianças aos adultos, mas de se considerar nas discussões sobre a educação da pequena infância um aspecto fundamental: os direitos das crianças pequenas de serem consultadas e ouvidas, de exercerem sua liberdade de expressão e opinião, de tomarem decisões em realidades que lhes dizem respeito diretamente e de serem elas mesmas (SARMENTO & PINTO, 1997; FERREIRA, 2002; DELGADO & MÜLLER, 2005; MARTINS FILHO & PRADO, 2011).

Algumas trilhas estão sendo desbravadas, no sentido de apontar possíveis superações de enquadramentos e dualismos, entre adultos e crianças, essas já se constituem em uma abertura e em um avanço. Principalmente, como o compromisso político-pedagógico para com os problemas sociais, inerentes a categoria social – infâncias; trata-se, portanto, de uma necessidade imperiosa de denúncia⁵ e anúncio sobre a situação das diversas infâncias e crianças do Brasil e de todo o planeta, denúncia sobre a ineficácia das políticas públicas e a barbárie contra nossas crianças, sobretudo da classe trabalhadora empobrecida e anúncio de novos tratos teóricos, novas possibilidades de políticas públicas que afirmem e considerem os direitos das crianças (SILVA, 2006, p. 10).

Abrimos possibilidades de aproximação dos adultos com as crianças, no sentido da presença-presente, estar juntos por inteiro com e para elas, isto sem ofuscar as potencialidades inerentes de cada uma delas. Revelamos a necessidade de construirmos novas teias de relações sociais entre adultos e crianças, assegurando a produção das culturas infantis, transformando as relações, amadurecendo nosso respeito as crianças a partir de uma reflexão crítica sobre as diferentes infâncias. É preciso criticar o dualismo criança-adulto, compreendendo que “as crianças e os adultos devem ser vistos como uma multiplicidade de seres em formação, incompletos e dependentes, que é preciso superar o mito da pessoa autônoma e independente, como se fosse possível não pertencer a uma complexa teia de interdependência” (DELGADO & MÜLLER, 2005, p. 20).

Eloisa Rocha (1999), no final da década de 1990, já tinha anunciado em seu amplo levantamento das pesquisas sobre crianças que:

Já se busca “ouvir” as crianças a partir dos contextos educativos da creche ou da pré-escola, estudam-se variações de sua voz, o seu ponto de vista (...). Nestes casos, procuram-se

⁵ Estamos nos referindo às políticas públicas para a educação das crianças, as barbáries da exploração do trabalho infantil, da prostituição infantil, do tráfico de bebês e da violência sexual, entre outras formas de violência, exclusão, miséria e maus tratos em que as crianças estão colocadas.

utilizar metodologias que respeitem as manifestações infantis (...). Não obstante esta tônica, estas próprias metodologias, especialmente as não-convencionais que melhor podem adequar-se ao estudo da criança, não têm sido objeto de discussão entre os pesquisadores (...) se a criança vista pelas pesquisas ganha contornos que definem sua heterogeneidade, isto ainda não é suficiente para que ela ganhe voz e seja ouvida pelo pesquisador (ROCHA, 1999, p.95).

Nesse sentido, temos contudo, um caminho profícuo a percorrer para focalizarmos as crianças como sujeitos e discutir a necessidade da organização de espaços externos e internos, ambientes abertos às suas experiências e necessidades de movimentação, às suas descobertas e aprendizagens, aos seus processos de socialização; apontamos ainda, como imprescindível o desenvolvimento de pesquisas com crianças que centra-se nas interações e brincadeiras, isto com um olhar sensível à auscultar a sua voz⁶. Pressupor esta importância significa compreender que:

A auscultação das crianças coloca-se como primordial para esta reorientação. A aproximação às crianças e às infâncias concretiza um encontro entre adultos e a alteridade da infância e exige que eduquemos o nosso olhar, para rompermos com uma relação verticalizada, de subordinação, passando a constituir relações nas quais adultos e crianças compartilham amplamente suas experiências nos espaços coletivos de educação, que com patamares inevitavelmente diferenciados (ROCHA, 2010, p. 15).

Á luz dos pressupostos teóricos de Bakhtin (2010), podemos acenar para a constituição do processo de dialogismo⁷, entre as crianças e dos adultos com as crianças, o que nos convoca a pensar a linguagem como um processo vivo e dialógico. É relevante considerar que as manifestações das crianças e suas interações nem sempre serão verbais, contudo, serão mediadas pelas linguagens. Para o autor:

O fundamental não está naquilo que se fala ou de que se fala, mas na maneira como se fala, no sentimento de uma atividade de elocução significativa, que deve ser sentida como *atividade única*⁸, independente da unidade objetiva e semântica do seu conteúdo. (BAKHTIN, 2010, p. 63).

Pensar nos desafios teóricos e metodológicos nas pesquisas com o grupo geracional - infâncias, requer atenção à organização cotidiana e ao conjunto de linguagens (afetivas, emocionais, psicológicas, verbais e não-verbais) utilizadas pelas crianças no contexto em que estão inseridas, sendo importante, considerá-las sujeitos dessas relações. Desenvolver pesquisas com crianças, significa considerá-las como referentes empíricos, quebrando com visões generalistas que as colocam em um conjunto de aspectos comuns que não nos permitem diferenciá-las e situá-las em seus estratos sociais e em suas complexidades.

Silva (2006) corrobora com nosso pensamento, ao afirmar que, apesar da relevância teórica e social presente atualmente nos estudos sobre infâncias e crianças, ainda temos um desafio posto para todos nós, pesquisadores e pesquisadoras, justamente no viés de superar a ideia da participação da criança apenas durante o espaço-tempo das pesquisas e práticas pedagógicas, o que já se constitui em um avanço. Para o autor, o que nos falta ainda é entender a participação infantil a partir de um quadro teórico da Sociologia da Infância, que se apresenta na esfera de três

⁶ Reconhecemos que a linguagem oral não é determinante no processo inicial de interação entre os bebês e as crianças bem pequenas (ROCHA, 2010; DELGADO & MARTINS FILHO, 2013).

⁷ Sobre a natureza dialógica da vida, Bakhtin (2015, p. 329) afirma que: "viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida; com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos". Tal compreensão, para nós, contribui no desenvolvimento de metodologias de pesquisas com crianças, no entendimento de que o corpo fala e produz nas crianças as diferentes linguagens.

⁸ Grifo no original.

domínios fundamentais: “I) a construção dos direitos das crianças no espaço urbano e rural; II) a participação na ação pedagógica no interior das instituições educativas; III) conhecer a organização coletiva das crianças mirando nas produções das culturas infantis” (SILVA, 2006, p. 13).

As pesquisas com crianças adentram em um universo de afirmação da potência de agir das mesmas. Acendem os faróis de análises e interpretações, para que este século seja pautado por um equilíbrio entre respeito, autonomia, participação e proteção às crianças. O que possibilita, entretanto, a inserção dos pesquisadores e pesquisadoras no mundo inusitado e enigmático das infâncias, pois, assim, podemos entender o que as meninas e os meninos desejam para si e, ainda, perceber o que elas e eles revelam do que conhecem do mundo, no qual nós adultos possamos nos colocar como parceiros de suas expectativas, alegrias, emoções, brincadeiras, sentimentos, silêncio, choro, olhares, tudo o que nos é, ainda, desconhecido, nesse período da vida tão singular e plural ao mesmo tempo – infâncias...o que também nos possibilita afirmar sua potência, força criadora e resistência, seus desejos, poéticas, desde a mais tenra idade, incluindo os bebês como sujeitos de resistência.

Considerações finais

O equilíbrio que buscamos plantar – entre adultos e crianças – nos permite sair do autoritarismo impregnado nas relações pedagógicas e nas pesquisas com as crianças. Isto ajuda construir a autoria de cada sujeito, em relação às crianças e essa concepção exige energia dos pesquisadores. Pois, ainda é necessário construir e expressar um conhecimento que se preocupe em equacionar o sensível e o inteligível, dimensões que ainda precisam ser vistas em um mesmo polo e conectadas entre si. É necessário apostar e conferir às crianças uma autonomia não somente conceitual, mas sobretudo de sujeitos culturais e ativos no processo de produzir a humanidade com seus pares ou o humano em si próprias.

Assim, vale a pena insistir na ideia de visitar o mundo das crianças para torná-lo especialmente significativo, o que pode contribuir para desnaturalizar o silêncio que historicamente circunda as produções culturais das crianças, ou seja, seus modos peculiares de viver e sentir as infâncias. Encontrar inspiração para uma teoria do ponto de vista das crianças pequenas, da escuta das suas vozes, do olhar e percepção dos seus desejos. Neste sentido é preciso enfrentar as ambiguidades que cercam nossos pressupostos sobre o que vivem e experienciam as crianças pequenas.

Uma formação cultural e aberta para outras estéticas sobre o mundo, provavelmente potencialize interações com as crianças pequenas, focadas na observação dos seus movimentos, do seu brincar, das suas manifestações de experimentar e viver novas experiências com o corpo todo.

O prolongamento das experiências vivenciadas pelas crianças se estabelece atravessado pelo tempo, um tempo mais flexível e sintonizado aos desejos e necessidades delas, aspecto que solicita romper com a lógica de um tempo adultocêntrico. É preciso sincronizar com o tempo da infância, visando condições suficientes para as crianças pequenas viverem suas infâncias, marcadas por interações e brincadeiras.

Exige, portanto, desenvolvimento de investigação que coloque em pauta o protagonismo infantil, assumido neste texto como algo emergente e necessário para se conhecer a criança, especialmente em contextos de creche e pré-escola, considerando o longo tempo que as crianças permanecem nessas instituições e, pelo fato de estarem cada vez mais cedo nestes ambientes de vida coletiva. É como inverter a lógica do que tem sido compreendido sobre quem são as crianças, sujeitos que historicamente foram e são colocados em um conjunto de negativos, onde lhes falta tudo: controle do corpo, concentração, conhecimento, cultura, potencial, trabalho, palavras, escrita. Queremos alertar o quão de ponta-cabeça precisamos transformar as ideias dos adultos sobre quem são as crianças pequenas.

Tecemos aqui alguns argumentos, para que nós adultos possamos encarar o desafio de procurar olhar para as crianças, não em suas faltas, mas em suas potencialidades, no que elas mesmas procuram realizar e viver quando ainda são crianças. Chamamos atenção para não abreviarmos os seus processos humanos, desperdiçando suas experiências, isto em prol de uma estruturação adultocêntrica, onde vigora com tendência a vontade do controle, regulação, produção e o consumo.

Concordamos com Bastide (1974, p. 154) quando diz “há entre o mundo dos adultos e o das

crianças, como que um mar tenebroso, impedindo a comunicação”. Navegar, ou ainda, arriscar-se a nadar neste mar, é como que entregar-se aos humores endoidecidos das crianças. Neste sentido, é que reafirmamos que não basta observar a criança de fora, olhar a criança de cima, como também não basta prestar-se a seus brinquedos; é preciso penetrar, além do círculo mágico e misterioso que dela nos separa, em suas culturas infantis, suas paixões, suas idiossincrasias, suas transgressões, é preciso viver o brinquedo, para respeitar o brincar das crianças.

É preciso navegar por mares nunca antes navegados, porém, sem perder de vista que é preciso ancorar em um porto que seja seguro para definir critérios sérios para o trabalho de pesquisa com crianças pequenas. Navegar sem naufragar é o desafio! Pesquisar incluindo e legitimando as lógicas das crianças não é uma tarefa qualquer, é algo predominantemente complexo! Por isto finalizamos assinalando que é sempre preciso outros começos, pois a história não acabou! Começos que possam focar na complexidade das infâncias, a qual reverbera na complexidade de escolhas de procedimentos de pesquisas com crianças e na afirmação dos próprios direitos das crianças.

Referências

ARLEO, Andy et DELALANDE, Julie. **Cultures enfantines**. Universalité et diversité. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2010.

BASTIDE, R.. **“Brasil”: terra de contrastes**. 4ª Ed., São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1974.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Para uma filosofia do ato responsável**. Organizado por Augusto Ponzio e Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGE/UFSCAR. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BROUGÈRE, Gilles. **Culture de masse et culture enfantine**. In: ARLEO, Andy et DELALANDE, Julie. **Cultures enfantines**. Universalité et diversité. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2010.

BROUGÈRE, G.; ULMANN, A. **Aprender pela vida cotidiana**. Campinas: Autores Associados, 2012.

CORSARO, Willian. **Reproduction Interprétative et Culture Enfantine**. Universalité et diversité de l’expression. In: ARLEO, Andy et DELALANDE, Julie. **Cultures enfantines**. Universalité et diversité. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2010.

CORSARO, William. **Sociologia da infância**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DELGADO, A. C. & MULLER, F. **Sociologia da Infância**: pesquisas com crianças. Educação e Sociedade: Revista de Ciências da Educação, vol.26, São Paulo, Cortez, maio-ago. 2005.

DELGADO, A. C. C. e MARTINS FILHO, A. J. (orgs.). **Dossiê “Bebês e crianças bem pequenas em contextos coletivos de educação”**. Pro-Posições, SP: Unicamp, v.24, n. 3 (72), p. 21-113, set/dez 2013. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v24n3/02>.

DELGADO, Ana Cristina Coll; WÜRDIG, Rogério Costa ; CAVA, Patrícia Pereira . **Interatividade nas culturas da infância**: aproximações, amizade e conflitos entre bebês. Revista Educação em Questão (ONLINE), v. 55, p. 144-168, 2017.

DELGADO, Ana Cristina Coll; CASTELLI, C. M. ; PORCIUNCULA, F. **As programações do mês da criança**: ambiguidade e poder na participação dos bebês e crianças pequenas - Infância(s), Educação e Sociedade. Investigação em Educação Revista da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, v. 4, p. 83-96, 2015.

DELGADO, Ana Cristina Coll. **Um encontro com Liane Mozère**: perspectivas pós-estruturalistas nos estudos da pequena infância. Revista Eletrônica de Educação (São Carlos), v. 7, p. 248-256, 2013.

DELGADO, Ana Cristina Coll. **Composições fotográficas das crianças sobre o papel dos adultos e participação infantil nas festas dedicadas a infância.** Revista Educação em Questão, Natal, v.38, n.24, maio/ago (impresso; on-line). Revista Educação em Questão (UFRN. Impresso), v. 38, p. 138-163, 2010.

FERREIRA, Maria Manuela M. **A Gente Aqui o que Gosta mais é de Brincar com os Outros Meninos:** as crianças como actores sociais e a (re)organização social do grupo de pares no quotidiano de um Jardim de Infância. Dissertação (Doutoramento em Ciências da Educação) - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, 2002.

FERREIRA, Maria Manuela Martinho. **Do “avesso” do brincar ou...** as relações entre pares, as rotinas da cultura infantil e a construção da(s) ordem(ens) social(ais) instituintes(s) das crianças no jardim-de-infância. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Portugal: ASA, 2004. cap. 3, p. 55 -104.

FERREIRA, Maria Manuela Martinho. **A Gente Aqui o que Gosta mais é de Brincar com os Outros Meninos:** as crianças como actores sociais e a (re)organização social do grupo de pares no quotidiano de um Jardim de Infância. 2002. Tese (Doutoramento em Ciências da Educação) – Universidade do Porto Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Porto, PT, 2002.

GOTTLIEB, Alma. **Para onde foram os bebês?** Em busca de uma antropologia de bebês (e de seus cuidadores). Psicologia USP, São Paulo, n. 20(3), p. 313-336, jul/set 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642009000300002.U

GOTTLIEB, Alma. **Tudo começa na outra vida:** a cultura dos recém-nascidos na África. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.

James, A.; Prout, A.. (Eds.) (1997). **Constructing and Reconstructing Childhood:** Contemporary Issues in the Sociological Study of Childhood. 2ª Edition. Basingstoke: Falmer Press, 260 páginas.

LEAL, B. **Leituras da infância na poesia de Manoel de Barros.** In: KOHAN, W. (org.). Lugares da infância: filosofia. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MARTINS FILHO, Altino José. **A vez e a voz das crianças:** uma reflexão sobre as produções culturais na infância. Revista Presença Pedagógica, Belo Horizonte, MG, n.61, p.35-45, jan./fev.2005.

MARTINS FILHO, Altino José (Org). **Infância Plural:** crianças do nosso tempo. Porto Alegre: Mediação, 2006.

MARTINS FILHO, Altino José. **Jeitos de ser criança:** pesquisas com crianças nos trabalhos apresentados na ANPED de (1999-2009). 32ª. Reunião Anual da ANPED. Minas Gerais, out. 2010.

MARTINS FILHO, A. J. e PRADO, P. D. (Orgs.) **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância.** São Paulo: Autores Associados, 2011.

MARTINS FILHO, A. J. (Org.) **Criança pede respeito:** ação educativa na creche e na pré-escola. 2ª Edição. Porto Alegre: Mediação, 2015.

MARTINS FILHO, Altino ; DELGADO, Ana Cristina Coll. **A participação dos bebês e das crianças bem pequenas e a prática da docência no contexto da Educação Infantil.** Saber & Educar, v. 1, p. 108-117, 2016.

Ministério da Educação. (2009). **Práticas cotidianas na educação infantil** – bases para a reflexão sobre as orientações curriculares. Brasília: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf

MOZÈRE, L. **“Du côté” desjeunes enfants ou comment appréhender le désir em sociologie?** In: BROUGÈRE, G. ; VANDENBROECK, M. (Dir.). *Repenser l' éducation desjeunes enfants*. Bruxelles: Éditions Scientifiques Internationales, 2007.

MOZÈRE, L. **On n'apprend pas à un enfant à marcher**. Le Portique [en ligne], 2008, mis en ligne le 05 juin 2010, consulté le 16 février 2012. URL: <http://leportique.revues.org/index1783.html>

MOZÈRE, L. **Devenir - enfant**. Le Portique [en ligne], 2007, mis en ligne le 07 novembre 2009, consulté le 16 février 2012. URL: <http://leportique.revues.org/index1375.html>

ROCHA, E. A. C. **A pesquisa em Educação Infantil no Brasil: trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma Pedagogia da Educação Infantil**. Florianópolis: UFSC, Centro de Ciências de Educação, Núcleo de Publicações, 1999.

ROCHA, E. A. C. **Orientações para as Diretrizes Curriculares Municipais de Educação Infantil**. Florianópolis: Prelo Gráfica e Editora Ltda, Prefeitura Municipal de Florianópolis, 2010.

SARMENTO, M. J. **Infância, exclusão social e educação para a cidadania activa**. Movimento, Niterói, n. 3, p. 53-74, maio, 2002.

SARMENTO, M. J. & PINTO, M. **As crianças e a Infância: definindo conceitos delimitando o campo**. In: PINTO, M. & SARMENTO, M. J. (coord.) *As Crianças: Contextos e Identidades*. Braga, Portugal: Centro de Estudos da Criança, 1997.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade**. In: SARMENTO, Manuel Jacinto e CERISARA, Ana Beatriz. *Crianças e Miúdos: Perspectivas Sociopedagógicas da Infância e Educação*. Porto, Portugal. Asa Editores, 2004.

SARMENTO, M. J. **Gerações e alteridade: interrogação a partir da sociologia da infância**. In: *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005.

SARMENTO, M. J. **Sociologia da Infância: correntes e confluências**. SARMENTO, M. J.; GOUVEA, M. C. S. (Orgs.). *Estudos da infância: educação e práticas sociais – Petrópolis: Vozes*, 2008. p. 17-39.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **A sociologia da infância e a sociedade contemporânea: desafios conceituais e praxeológicos**. In: ENS, R; GARANHANI, M. (Org.). *Sociologia da Infância e a formação de professores*. Curitiba: Champagnat, 2013. p. 13-46.

SILVA, Maurício. Apresentação. In: MARTINS FILHO, Altino José (Org.). **Infância Plural: crianças do nosso tempo**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

Recebido em 27 de julho de 2018.

Aceito em 16 de agosto de 2018.